

ABORDAGEM DOS TEÓRICOS VIOLET- LE-DUC, JOHN RUSKIN E CESARE BRANDI NA RESTAURAÇÃO EM PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS: O CASO DA CASA IPIRANGA

ZIERHUT, Raquel Molinete¹
RUSCHEL, Andressa Carolina²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da preservação dos patrimônios históricos e culturais, com foco no meio arquitetônico. Esses locais são heranças herdadas dos povos antepassados e tem-se o dever de conservá-los para as novas gerações futuras. O grande processo de restauração é feito em obras que já foram prejudicadas pelas ações do tempo e do mau uso da edificação, sem ter as manutenções periódicas necessárias. Preservar é conservar, manter livre de qualquer dano, possibilitando um novo uso para a edificação. Para a discussão desse tema, discorre-se sobre o surgimento das restaurações no Brasil por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que tem como principal objetivo manter a bagagem histórica e cultural existente no país, a fim de que gerações futuras conheçam as diferentes técnicas e estilos arquitetônicos empregados nas obras históricas espalhadas pelo Brasil. Para melhor entendimento dos conceitos e do desenvolvimento da pesquisa, foram abordados grandes teóricos do restauro, John Ruskin, Eugene Viollet-Le-Duc e Cesare Brandi, e como suas teorias podem auxiliar no restauro da Casa Ipiranga, construída em 1889, grande ícone do início das ferrovias no estado do Paraná. Dessa forma, para os teóricos, o arquiteto responsável pela intervenção deve conhecer ao máximo as características da edificação, de modo a se obter êxito na proposta restaurativa, mantendo-se as características originais da obra, a partir do uso de técnicas e materiais do período em que está sendo restaurada.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio histórico e cultural. Restauro. John Ruskin. Viollet-Le-Duc. Cesare Brandi.

APPROACH OF VIOLET-LE-DUC, JOHN RUSKIN AND CESARE BRANDI THEORETICAL IN THE RESTORATION OF HISTORICAL HERITAGES: THE CASE OF CASA IPIRANGA

ABSTRACT

This work aims to discuss the importance of preserving historical and cultural heritage, focusing on the architectural environment. These places are inheritances inherited from the ancient peoples and there is a duty to conserve them for the new generations to come. The major restoration process is carried out in works that have already been damaged by the actions of time and the misuse of the building, without having the necessary periodic maintenance. For the discussion of this theme, the emergence of restorations in Brazil through the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) is discussed, whose main objective is to maintain the historical and cultural baggage existing in the country, so that generations future learn about the different techniques and architectural styles used in historical works throughout Brazil. For a better understanding of the concepts and development of the research, great restoration theorists John Ruskin, Eugene Viollet-Le-Duc and Cesare Brandi were approached, and how their theories can help in the restoration of Casa Ipiranga, built in 1889, a great icon of the start of railways in the state of Paraná. Thus, for theorists, the architect responsible for the intervention must know as much as possible the characteristics of the building, in order to achieve success in the retroativo proposal, maintaining the original characteristics of the work, using techniques and materials from the period. in which it is being restored.

KEYWORDS: Historical and cultural heritage. Restoration. John Ruskin. Viollet-Le-Duc. Cesare Brandi.

¹ Acadêmica de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG, *campus* Cascavel (PR). Elaborado na disciplina Trabalho de Curso: Defesa. E-mail: raquel.zierhut08@gmail.com

² Professora orientadora da presente pesquisa. Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG, *campus* Cascavel (PR). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FAG, *campus* Cascavel (PR). Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela UNIOESTE, *campus* Toledo (PR). E-mail: ac.ruschel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A preservação dos patrimônios históricos, culturais, arquitetônicos e teóricos no Brasil tem sido comprometido devido à falta de recursos para a manutenção periódica. O resultado disso é que as edificações se deterioram e perdem as suas principais características, seja pela própria degradação natural ou pelas ações do homem. Para preservar de forma íntegra os edifícios que compõem o patrimônio nacional, em 1931, foi criada a Carta de Atenas, primeiro documento que instava a importância de uma manutenção regular e permanente nas edificações. Nesse sentido, o restauro figura como principal aliado das edificações que foram destruídas parcialmente com o passar do tempo e não necessitam apenas de manutenção, mas de uma reforma que preserve ao máximo as suas características originais (BARBOSA; SILVA COURAS, 2017).

A restauração adquiriu grande importância com o passar do tempo. Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Cesare Brandi foram grandes teóricos que deram significado a esse grande conceito. A restauração consiste em uma reconstituição do que já existiu e que carrega grandes histórias e desenvolvimento cultural de gerações.

Diante desse panorama, o problema desta pesquisa é: Como as teorias de Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Cesare Brandi contribuem para a valorização histórica e restauração da Casa Ipiranga? Esses autores acreditavam que a restauração era uma de valorização histórica e cultural de uma sociedade e as construções não deveriam se deteriorar com o passar do tempo. Assim, para eles, quando fosse necessário, a intervenção de restauro deveria entender o projeto como um todo, as formas, as funções e as técnicas que foram utilizadas, a fim de aproximar-se da forma mais original possível.

Como objetivo geral, busca-se analisar a importância do patrimônio histórico e do restauro, por meio dos pensamentos de teóricos da restauração e preservação de Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Cesare Brandi e como as teorias deles, podem auxiliar o restauro da Casa Ipiranga. Os objetivos específicos são: a) abordar fundamentações teóricas de patrimônio histórico e restauro; b) revisitar a história e a teoria da conservação do restauro e suas características; c) identificar a valorização da identidade local e cultural.

O marco teórico contempla conceitos que norteiam toda a pesquisa, tais como: o patrimônio é um conjunto de materiais ou imateriais que carrega consigo a história de determinado lugar, de determinado povo, de suas relações com o meio ambiente etc.; os patrimônios históricos e culturais são heranças que herdamos dos nossos antepassados, por isso, temos o dever de preservar e garantir isso para as próximas gerações, conservando ao máximo suas características construtivas. O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é quem cuida da preservação dos bens existentes no Brasil e ressalta o papel fundamental do arquiteto e urbanista na preservação de bens

construídos ou já edificados, necessitando, para isso, preparo teórico e prático nas intervenções (CAU/BR, 2016).

O restauro é a preservação de um bem; tem como objetivo a reforma do patrimônio a fim de manter ao máximo as características originais da obra, pois, quanto menor a intervenção, maior será a originalidade da edificação. Trata-se de um trabalho técnico e científico que precisa ser estudado em cada caso específico, conhecendo a história, o ambiente, como funcionava, quais os materiais que foram utilizados para a construção do projeto, entre outros elementos, possibilitando que o restauro aconteça de forma original, adequando-se aos materiais atuais e melhorando o conforto, desde que não se descharacterize o patrimônio (CAU/BR, 2014).

Eugène Viollet-Le-Duc foi um grande incentivador do restauro, e sempre fez questão de entender a lógica de um projeto e tudo o que o cerca, como os conceitos de estrutura, a forma e a função; esse foi o modelo que seguiu em seus projetos de restauração. Para ele, o arquiteto deveria dominar as técnicas construtivas e o estilo da obra, pois isso faria com que tivesse sucesso no processo. Viollet-Le-Duc não queria fazer apenas uma reforma na obra, mas sim refazer o que já existia no projeto original, com materiais de alta qualidade disponíveis no momento da restauração. Além disso, ressaltou que as técnicas antigas deveriam ser desvendadas a ponto de ajudar na arquitetura contemporânea (OLIVEIRA, 2009).

John Ruskin, nome forte da teoria do restauro, lutou contra os grandes efeitos da industrialização. Sempre acreditou que a arquitetura era um grande símbolo de arte e cultura para o homem. Para Ruskin, era muito importante conhecer diferentes técnicas de construir e estilos de cada cultura, deixando isso vivo nas presentes e futuras gerações. Em sua visão, os arquitetos teriam que projetar sempre pensando no mecanismo histórico da edificação, proporcionando às pessoas a visão de uma obra com grande riqueza e valorização cultural (OLIVEIRA, 2008).

Outro grande nome que merece destaque no contexto contemporâneo é Cesare Brandi, que tinha uma vasta experiência prática e teórica em patrimônios históricos além de influências do campo da fenomenologia e uma posição conservativa, em que mostra a necessidade de utilizar recursos criativos para tratar questões relacionadas ao restauro, como o caso de adições, subtrações e também o restabelecimento de colunas. Para ele, o restauro deve ser um momento metodológico no qual se encaixam aspectos históricos e estéticos utilizados na edificação. Para tanto, é preciso ter profundo conhecimento dos aspectos físicos e da grande transformação em que a edificação terá ao longo dos anos, buscando reconhecer a verdadeira e a original identidade de cada obra (CARMO *et al*, 2016).

Para contemplarmos os objetivos propostos e responder à pergunta de pesquisa, este texto está assim organizado: além desta introdução, na sequência, apresenta-se o embasamento teórico, com a contextualização sobre patrimônio histórico, restauração, IPHAN, teóricos que marcaram a história

do restauro e suas teorias, Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Cesare Brandi; posteriormente, explicitamos os aspectos metodológicos do estudo; em seguida, a partir dos conceitos teóricos mobilizados, analisamos e discutimos os dados relacionados à Casa Ipiranga; por fim, são tecidas as últimas considerações desta pesquisa.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E RESTAURAÇÃO

Os primeiros movimentos de conservação iniciaram no século XIX, mas ainda eram casos isolados espalhados pela Europa. Com o passar do tempo, as pessoas foram percebendo a importância que essas obras tinham para a sociedade. No Brasil, mais especificamente no século XXI, o interesse sobre construções antigas e suas histórias começou a ser destaque de revistas, jornais e televisão, como uma forma de celebrar e preservar a história e a cultura de uma nação ou um povo (LEMOS, 2004).

Com isso, o conhecimento sobre os monumentos históricos e as práticas de conservação foram ganhando diversas formas e se espalhando pelos continentes, relacionando-se com o tempo vivido e a memória e ressaltando a essência de determinado monumento. Com o passar do tempo, a sociedade foi compreendendo a importância das restaurações, pois permitiam reviver no presente um passado distante, que, de certa maneira encantado, foi de grande relevância, pois por meio da preservação da identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, tribal, nacional ou familiar, tornou-se um dispositivo de segurança para determinado povo, garantindo as suas origens (CHOAY, 2014).

O patrimônio cultural de uma sociedade apresenta grande diversidade, além de se alterar constantemente, mas sempre com a preocupação de guardar ou colecionar coisas importantes e repassá-las para as próximas gerações, como obras de artes, joias etc. Tal preocupação, contudo, começou a ter um novo foco, o de preservar obras arquitetônicas tornando-as patrimônios históricos e culturais, para que novas gerações tenham acesso à história de cada região. O bem tombado não pode ser destruído, mas pode passar por interferências que devem ser analisadas a fim de manter ao máximo as características originais e a verdadeira identidade da obra (LEMOS, 2004).

No Brasil, o IPHAN é responsável pela preservação dos bens arquitetônicos no país, salvaguardando a história e a cultura da sociedade, haja vista que o patrimônio histórico e cultural uma herança dos nossos antepassados, um legado para gerações futuras. Nesse contexto, torna-se fundamental a formação de profissionais arquitetos capacitados para práticas de preservação dos bens históricos e culturais, tanto ambientes construídos quanto bens edificados (CAU/PR, 2016).

O envelhecimento das obras arquitetônicas tem recebido um olhar preservacionista, tanto pelos que tentam preservar a história do passado quanto pelos que constroem o presente e os que se

preocupam com o futuro da sociedade e toda sua cultura. Assim, o termo restauração tem sido utilizado para a maioria das intervenções, mas existe algumas classificações, tais como: (i) a intervenção em patrimônio tem como objetivo reformar e aproveitar o máximo sua originalidade, deixando, assim, o máximo de características da sua construção inicial; (ii) a conservação é a intervenção relacionada à matéria, garantindo a integridade física, estrutural e estética da construção, além da adaptação para um novo uso, que consiste na reciclagem de espaços preservados (BRAGA, 2003).

É importante preservar a memória social para que, dessa forma, se mantenha o significado dentro dos amplos elementos da preservação do patrimônio. Existem diversos problemas que variam com o passar do tempo e com desenvolvimento das cidades, como a falta de recursos e a demora para uma obra ser reconhecida como patrimônio histórico e cultural. Quando isso acontece, muitas vezes, essas obras já estão em ruínas, o que até em alguns casos impossibilita que uma restauração possa ser feita. Aliada a esses problemas está, infelizmente, a falta de conhecimento popular com relação à importância de cultivar e preservar o patrimônio histórico e cultural do país; a realidade brasileira é uma grande deseducação coletiva no que diz respeito aos patrimônios nacionais (LEMOS, 2004).

2.1 HISTÓRIA DA TEORIA DA CONSERVAÇÃO DO RESTAURO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Após inúmeros experimentos e reflexões realizados ao longo de muito tempo, chegou-se à concepção definida de como se preservar e restaurar. A conservação de um patrimônio é definida como uma intervenção direta ou indireta, para que, dessa forma, se possa garantir a integridade física do imóvel e proteger o seu significado cultural e histórico para a sociedade. Em cada época, cada sociedade busca valorizar ou renegar seu passado, e isso varia com o momento que está sendo vivido. O reconhecimento de uma obra arquitetônica como produto cultural é fruto da consciência histórica que as pessoas adquirem cada vez mais com o passar do tempo (BRAGA, 2003).

Um dos grandes influenciadores da restauração foi Eugène Viollet-Le-Duc (1814-1879), que viveu pós- revolução Francesa, período no qual ocorreram um grande número de vandalismos nas obras históricas, as quais utilizavam variados estilos arquitetônicos. Após 20 anos de atuação do arquiteto francês em teorias e restaurações, surgiu John Ruskin (1819-1900) com uma nova visão para se aplicar na conservação de bens arquitetônicos. Ele defendia que a obra não poderia obter elementos novos, por isso, valorizava as ruínas. Além disso, defendia que a obra deveria ser projetada pensando-se no futuro, como seria o processo de intervenção no patrimônio séculos à frente (BRAGA, 2003).

Tanto a palavra quanto o tema intervenção em patrimônio são termos modernos e compreendem o restabelecimento do edifício em um estado nunca visto antes. Os povos passados não tinham o mesmo interesse em preservar como se tem agora. Um grande exemplo disso é na Ásia. Quando um edifício sofre deterioração, constrói-se um novo edifício ao lado, ou seja, faz-se uma substituição e inicia-se a preservação e restauração do que já se existe, preservando a história e a cultura de determinado edifício para que novas pessoas possam conhecê-lo e não apenas substituí-lo (VIOLLET LE DUC, 2006).

Com o passar do tempo, Camillo Boito (1836-1914) assumiu uma posição intermediaria entre Viollet-Le-Duc e John Ruskin, estabelecendo princípios que se tornaram uma nova Lei Italiana de 1902 e reformulada em 1909, cujo conteúdo orienta para a conservação de objetos e monumentos antigos. Com os diversos encontros nacionais e internacionais para o melhoramento das técnicas de restauração de patrimônios históricos e culturais, foram surgindo as Cartas patrimoniais, tais como a Carta de Atenas (1931), a Carta de Veneza (1964), a Conferência do Quito (1967), a Carta Europeia (1975) entre outras (BRAGA, 2003).

A conservação preventiva da obra e a realização de intervenções indiretas têm como objetivo prevenir a degradação que ocorre com o passar do tempo pela falta de manutenção adequada. O bem arquitetônico é algo muito complexo, requer conhecimento no desenvolvimento do projeto de intervenção, por isso, é importante conservá-lo, utilizando-se, para tanto, diretrizes menos invasivas. Assim, deve haver um trabalho de equipe multidisciplinar, com profissionais de diversas áreas, tais como arquitetos, historiadores, arqueólogos etc., mas cabe ao arquiteto a condução do trabalho de restauração (BRAGA, 2003).

Preservar significa conservar, manter livre de qualquer dano, defender e resguardar a obra, mantendo as suas características originais. Isso permite que se dê a ela um novo uso, como é o caso de diversos tipos de construções históricas que não têm mais a utilidade original, pois estão sendo utilizados de outras formas. Esse é o caso Basílicas Romanas que, com o advento do cristianismo, foram destinadas ao novo uso religioso da igreja de São Pedro (LEMOS, 2004).

Para ser desenvolvido um projeto de intervenção em patrimônio, inicia-se um grande processo que envolve sete etapas, descritas a seguir:

- a) Cadastramento - consiste na pesquisa histórica e iconográfica, fundamental para a definição que o projeto terá. É a etapa mais difícil, pois é preciso reunir fragmentos dos registros históricos da edificação, que podem ser obtidos por meio de certidões, decretos, escrituras, plantas e outros documentos. Além disso, realiza-se a iconografia histórica, que é o levantamento de fotos,

ilustrações antigas, desenhos etc., e, por último, mas não menos importante, a história oral, a fim de se ouvir membros da família, moradores etc.;

- b) Levantamento arquitetônico detalhado - é o registro gráfico do edifício, que permite uma grande precisão na medição e proporciona registros confiáveis a respeito das irregularidades, das imperfeições do prédio, além do detalhamento de elementos arquitetônicos e ornamentais. Para fazer esse levantamento, são utilizadas ferramentas como prumo, trena, mangueiras de nível; muitas vezes é necessário o trabalho de topografia, para compreender melhor o terreno. Um grande auxílio é a fotogrametria, que melhora a precisão da planta, dos cortes e das fachadas, deixado registrados técnicas construtivas e materiais utilizados;
- c) Levantamento fotográfico minucioso - é o registro de diversos ângulos para identificações antes da intervenção; deve ser feito no espaço interno e externo, registrando todos os detalhes da obra e o entorno onde a obra está inserida. Para melhor entendimento, é importante que seja feito em fichas, obterão que proporcionará um melhor entendimento;
- d) Vistoria do estado de conservação e patologias - o estado de conservação da edificação da obra deve ser criterioso. O relatório é elaborado de acordo com os elementos da construção, utilizando-se também de desenhos e fotos;
- e) Mapeamento de danos - é o registro gráfico do estado de conservação e das patologias existentes na edificação. Para tanto, é importante que seja o mais real possível, e em uma escala que realmente possa ser entendida depois, o que pode ser feito com a criação de simbologias que representam cada tipo de imperfeição presente na obra;
- f) Diagnóstico do estado de conservação - deve ser feito com base no relatório do estado de conservação e também no mapeamento de danos, para, dessa forma, se entender e diagnosticar quais as causas da degradação na obra, como fatores do solo, climáticos, os vandalismos, além das formas de utilização do bem, das características da construção original e se já foi feita alguma intervenção no local;
- g) Prospecções arquitetônicas e arqueológicas - os edifícios geralmente têm muitas informações ocultas de usos no passado. Desse modo, é preciso uma atenta e profunda percepção, realizando-se um estudo arqueológico, que visa a conhecer o homem por meio da sua cultura. Tendo em vista que muitos documentos têm se perdido com o passar do tempo, a arqueologia faz esse papel de levantar dados históricos.

Após a finalização da intervenção no patrimônio, recomenda-se que se faça um manual com os cuidados que devem ser tomados com a obra, especialmente para aquelas pessoas que utilizam o local com frequência e que não têm conhecimento técnico, de modo que saibam informações relevantes do

imóvel, como as características arquitetônicas, históricas, construtiva, além dos cuidados básicos, tais como limpeza do imóvel e seus cuidados periódicos para que se conserve a construção (BRAGA, 2003).

2.1.1 Restauração no Brasil: o IPHAN

Em 1936, foi criada a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sendo dirigida por Rodrigo Mello Franco de Andrade, que permaneceu no cargo de 1937 a 1967. Ele deu início as preservações no Brasil, mesmo ainda não tendo uma equipe adequada e nem mesmo uma legislação que cuidasse do patrimônio e da bagagem históricos importantes para a sociedade. Com a criação da Secretaria, obras de restauração foram iniciadas, agregando grande significado para a população em geral. Com o passar do tempo, o órgão começou a ser chamado de Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPAHN); atualmente, sua denominação é de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (BRAGA, 2003).

O primeiro encontro nacional sobre a preservação do patrimônio histórico e artístico aconteceu em 1970, que teve como grande resultado o *Compromisso com Brasília*, constatando-se a deficiência de estado e dos municípios na classificação de bens culturais. Em decorrência disso, em 1976, foram criadas diretorias regionais que cuidavam dos conjuntos urbanos das cidades. Nessa mesma época, foram lançados cursos para ser profissional de preservação e também restauro (BRAGA, 2003).

O segundo encontro aconteceu na Bahia, onde se firmou o acordo de *Compromisso de Salvador*, em 1971, dando início ao direcionamento financeiro e a questões legais. No ano de 1992, foi elaborada a Conferência Geral das Nações Unidas, que teve como objetivo retratar o Ambiente no Rio de Janeiro, desenvolvendo princípios sustentáveis para, dessa forma, melhorar a proteção ambiental. O Documento Regional Cone Sul foi conclusivo na Carta de Brasília, visando à autenticidade, por isso, novos usos de construções deveriam ser vistos e estudados para realizar o diagnóstico de viabilização. Após isso, o IPHAN começou a fazer parcerias como o Ministério da Cultura, com Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) e outras entidades, buscando a conservação e restauração dos patrimônios (BRAGA, 2003).

O IPHAN tem como dever a proteção e a preservação de bens culturais do país, promovendo a sua permanecia para que gerações futuras conheçam a história e a cultura existentes em seu território. O instituto também é vinculado ao Ministério do Turismo, o que contribui ainda mais para que as pessoas conheçam o patrimônio Nacional. O IPHAN conta com 27 superintendências, uma em cada unidade federativa, com 37 escritórios, localizados em cidades históricas, além de com quatro unidades especiais no Rio de Janeiro e duas em Brasília (IPHAN, 2015a).

A Constituição Brasileira de 1988 define o patrimônio histórico e cultural como uma grande forma de expressão, diferentes modos de se criar, de fazer e também de se viver. Como patrimônio, são considerados, além das obras arquitetônicas, conjuntos urbanos, sítios históricos e arqueológicos, obras científicas, artísticas, tecnológicas, documentos, objetos, edificações e todos os espaços que são utilizados como forma de expressão cultural (IPHAN, 2015a).

O referencial estratégico do IPHAN, é de visão, pautada nos valores da organização, com o escopo de promover e coordenar todo o processo de preservação do grande patrimônio cultural existente no Brasil, a fim de fortalecer as diferentes identidades, garantir o direito à memória e, com isso, contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país (IPHAN, 2015b).

2.1.2 Contextualização História e Regional: a Casa Ipiranga

Os navios que vinham da Europa tinham como intuito explorar a madeira existente no país e desembarcavam no sul do Brasil. Com as idas e vindas, contudo, os navios foram sendo naufragados e, com isso, tinha-se conhecimento dos tesouros que existiam por ali. O primeiro contato que os europeus tiveram foi com os indígenas Guaranis; juntamente com eles iniciaram as expedições pelas terras, repletas de ouro e prata, sendo exploradas onde mais tarde foi estabelecido o Estado do Paraná (MOTA, 2011).

Com essas descobertas, foram chegando cada vez mais imigrantes vindos da Europa, e tinham como ponto de partida o litoral atlântico. Em 1542, Dom Alves Nunes Cabeza de Vaca partiu da ilha de Santa Catarina e seguiu em direção ao Oeste do Paraná, onde tomou posse das terras em nome da Espanha, como forma de assegurar o território pelo Tratado de Tordesilhas (Acordo entre Portugal e Espanha). No século de XVI, foram criadas duas capitâncias que seguiam pelo litoral, uma com o nome de Capitania São Vicente e a outra Capitania Santa Ana (PORTAL SÃO FRANCISCO, s/d).

No ano de 1649, o General Eleodoro Ébano Pereira deu início a uma grande expedição para subir os rios locais, passando a Serrado Mar e chegando ao Planalto, com o objetivo de encontrar indígenas e ouro. Para que isso acontecesse, recrutou habitantes residentes da Vila de Nossa Senhora Aparecida do Rosario de Paranaguá, que foi o primeiro grande núcleo do Paraná destinado à busca de ouro. Na região do Planalto, os indígenas que ali habitavam chamavam o lugar de Coré-tuba, que significava muito pinhão; assim, em português, ficou conhecido como Curitiba, pois na região existiam muitas araucárias. Em 1842, a vila se tornou cidade já com o nome Curitiba, sendo denominada, em 1854, a capital do Estado do Paraná (PORTAL SÃO FRANCISCO, s/d).

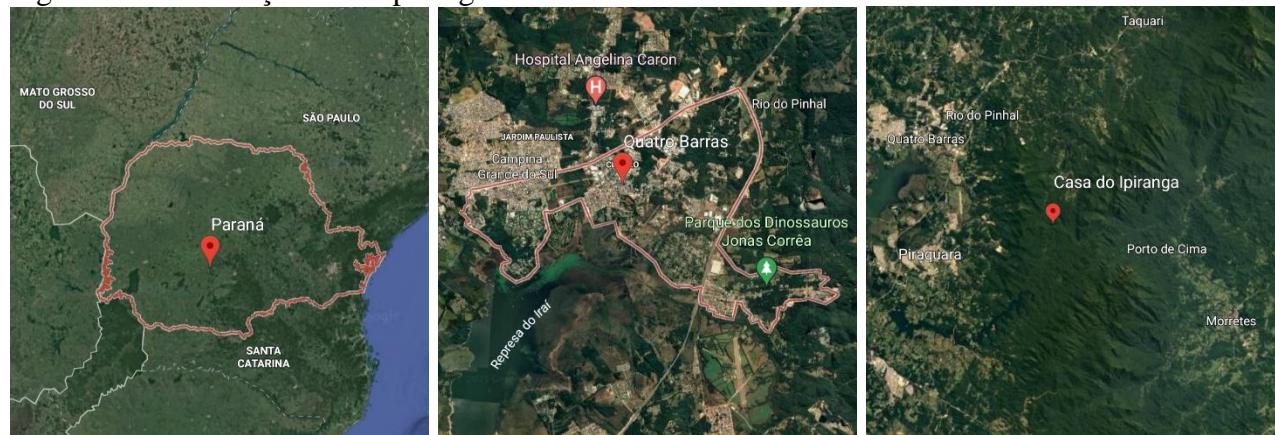
Com a grande busca por ouro, a região foi sendo habitada, formaram-se vilas e, posteriormente, transumaram-se em cidades. Como o ouro na região era escasso, descobriu-se que o Estado Minas

Gerias era mais propenso à mineração. Essa mudança criou uma grande demanda de gado e de equinos, que existiam no Sul. Assim, grandes extensões de terras, ocupadas por famílias de grande poder aquisitivo, passaram a ser utilizadas para a criação de gado. Como a grande criação de animais estava concentrada no Sul, foi criada uma estrada, denominada Caminho de Viamão, que ligava a Vila Sorocaba, em São Paulo, até a Viamão, no Rio Grande do Sul. Os animais eram comprados na feira realizada em Viamão e levados pelos tropeiros até a Vila Sorocaba pelo Caminho de Viamão. Com o tempo, os locais em que os tropeiros paravam para repouso foram se formando povoados que, mais tarde, tornaram-se municípios (PACIEVITCH, s/d).

No final do século XIX, já com o fim do ciclo do ouro no Paraná, iniciou-se o ciclo da erva-mate, sendo essa a principal economia do estado. Com o passar do tempo, foram surgindo novas plantações, como a de cana-de-açúcar e de café, além da exploração da madeira. A economia estadual cresceu sobremaneira, possibilitando o desenvolvimento de tecnologias voltadas para a agricultura, de mentalidades cooperativistas e também as primeiras estradas de ferro (PACIEVITCH, s/d).

Com a criação das ferrovias, começaram a vim da Europa novos imigrantes, como foi o caso do Bruno Rudolf Lange, que se tornou engenheiro chefe da linha de trem que fazia a ligação entre Paranaguá e Curitiba. Para facilitar seu serviço nas ferrovias, construiu uma casa entre as duas cidades, mais especificamente em Quatro Barras (PR), bem no encontro da linha do trem com o caminho de Itupava. O local já era utilizado como um ponto de acampamento de funcionário que trabalhavam na estrada de ferro (SILVÉRIO, 2020).

Figura 1 – Localização Casa Ipiranga– Paraná



Fonte: Google Earth (2021).

A casa de Bruno Rudolf Lange foi construída em 1889 e recebeu o nome de Casa Ipiranga por conta do Rio Ipiranga que passa nas proximidades da residência, cercada pelas belezas da natureza, como cachoeiras, a mata atlântica, riachos e as belas montanhas que existem naquela região. A obra era utilizada como moradia do engenheiro e de sua família, era luxuosa para a época, com salas de

jogos, suítes, piscina, lareira, gerador de energia e estufa, onde eram plantados alguns alimentos; havia dois pavimentos e a sala de jogos na parte de trás da residência (SILVÉRIO, 2020).

Com o passar do tempo, as ferrovias foram sendo privatizadas e, com isso, a casa foi abandonada, tornando-se alvo de ações de vandalismo, de pichação e até mesmo foi queimada. Com todos esses acontecimentos, a obra ficou em ruínas, após isso, sempre existiram manifestações para restaurá-la, mas, por estar em um local de difícil acesso e não ter a parada do trem nas proximidades, tornou-se um trabalho custoso de ser realizado. Com grande esforço, atualmente, iniciou-se um grupo, com diversas campanhas, para que a Casa Ipiranga pudesse ser tombada e restaurada (SILVÉRIO, 2020).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo compreender e analisar as teorias de grandes incentivadores teóricos do restauro, John Ruskin, Viollet-Le-Duc e Cesare Brandi, abordando seus principais princípios e métodos para a reforma e preservação de um patrimônio histórico, dando as diretrizes desde o início até o final do restauro. Para tanto, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica realizada por meio da internet. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de referenciais teóricos existentes, possibilitando que se tenha um apanhado geral do que foi produzido a respeito de determinado assunto. Ao pesquisador cabe avaliar o que realmente se quer obter com essa busca, assim como a sua procedência.

Além da pesquisa bibliográfica, pautamo-nos na pesquisa documental, a qual, de acordo com Freitas e Prodanov (2013), é feita por meio de documentos que ainda não tiveram tratamento, podendo, assim, haver alterações no desenvolvimento da pesquisa. A consulta de informações pode ser feita a partir de reportagens de jornais, diários, documentos, fotos entre outros. O documento é todo o registro que pode ser usado como origem da informação.

Outro recurso utilizado será uma tabela comparativa, que, segundo Freitas e Prodanov (2013), compreende uma fase analítica e descritiva que busca a melhor interpretação e análise possível de determinado assunto, por meio dos dados tubulados. Essa análise deve ser feita para melhor compreendermos os objetivos da pesquisa, além de comparar e confrontar as provas, podendo confirmar ou rejeitar determinada característica ou hipótese.

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, é abordado a história dos grandes teóricos em intervenções de patrimônios históricos e culturais, tais como Viollet Le Duc, John Ruskin e Cesare Brandi, a fim de conhecer a história de cada um, além das suas teorias que foram de suma importância para a preservação e a restauração de diversas obras históricas. Como exemplo de patrimônio, escolhemos a Casa Ipiranga, localizada no Estado do Paraná e construída em 1889. Essa obra é repleta de história, sendo um grande ícone do início das ferrovias no Estado. Abordagem dos materiais que foram utilizados para sua construção, a distribuição dos cômodos vistos em planta baixa, juntamente com cortes e fotos de antes e como ela se encontra atualmente, em ruínas. A construção está passando, por um grande processo burocrático para seu reconhecimento como patrimônio histórico e também de arrecadação de fundos, para, dessa maneira, se dar início ao restauro.

Para melhor compreensão e análise dessas informações, foi elaborado uma tabela síntese, reunindo as principais características da casa e comparadas com as teorias do teórico Cesare Brandi, que juntou suas teorias baseadas nos teóricos Viollet-Le-Duc e John Ruskin, de uma forma mais elaborada e moderna no período contemporâneo, a tabela possibilita uma visualização de como Cesare Brandi pensa sobre cada característica do processo de restauração. Para finalizar, foram feitas algumas considerações de análises, com sugestões de como pode acontecer da melhor forma a intervenção do patrimônio.

4.1 TEÓRICO VIOLET-LE-DUC

Eugène Viollet-Le-Duc (1814-1879), desde criança, já vivia no meio de grandes arquitetos, pintores e também historiadores, dando início a sua formação profissional como arquiteto. Adquiriu uma vasta experiência nos canteiros de obras, juntamente com as técnicas construtivas, estilos arquitetônicos, principalmente sobre a arquitetura existente na Idade Média. Inicialmente, quando começou a trabalhar com o restauro, seria somente mais uma aprendizagem, mas adquiriu gosto pela grande preservação histórica e cultural que se escondia nesse campo, empenhando-se em projetos restaurativos de grande importância como: Igreja de Vezelay (1840); Notre-Dame (1846); Carcassone (1853); Saint-Sernin (1846), entre outras (OLIVEIRA, 2009).

A partir dessas experiências, iniciou uma linha intelectual de pensamentos e teorias sobre o restauro, confirmando o que se conhece como restauração estilística, que é a reforma em determinada obra, que contém exteriorizações, mantendo-se ao máximo suas características originais e reformulando as ideias iniciais do projeto. O sistema teórico realizado por Viollet-Le-Duc seria como

um manual de como seriam os procedimentos a serem utilizados no restauro desde a forma, a estrutura e a função (OLIVEIRA, 2009).

Na prática, ele era totalmente contra ornamentações, por isso, as obras deveriam ser únicas, não cópias umas das outras e sem justificativas para aplicação de elementos. O arquiteto acreditava que tudo que existe na obra deve ter uma função, sem conter partes supérfluas. A sua teoria ficou conhecida como “teoria do restauro estilístico”. Baseando-se em um conjunto arquitetônico que formaria a edificação como um todo, a obra deveria ser a mais pura possível, assim, o arquiteto responsável pelo projeto de intervenção no patrimônio deveria optar pela reconstrução do monumento e melhorar os defeitos encontrados, deixando a obra ideal ao estilo em que pertence (LUSO; LOURENÇO; ALMEIDA, 2004).

Para Viollet-Le-Duc, quando se tinha um grande conhecimento das técnicas construtivas da determinada edificação, também era preciso conhecer profundamente o estilo arquitetônico em que a edificação tinha, dessa forma, a restauração alcançaria o melhor resultado possível. O arquiteto francês acreditava que, quando o profissional conhecia as arquiteturas do passado, teria melhores condições para resolver problemas presentes encontrados na arquitetura. Além disso, para ele, toda parte retirada da edificação deveria ser substituída por melhor material existente na época, utilizando-se também de técnicas e equipamentos mais modernos, tornando a substituição uma nova fase do projeto (OLIVEIRA, 2009).

4.2 TEÓRICO JOHN RUSKIN

John Ruskin (1819-1900) foi um escritor, sociólogo, crítico da arte, além de ser apaixonado por desenho. Foi um dos principais precursores na preservação das obras do passado. A fim de recuperar suas grandes histórias, enriqueceu grandiosamente o conceito patrimônio histórico, pois suas teorias faziam grandes referências ao que se chama de material e imaterial. Viveu em uma época de grande transição entre os antigos costumes sociais e a Revolução Industrial, período em que lutava contra os grandes efeitos da industrialização, o que lhe proporcionou grande afeto pela cultura tradicional (OLIVEIRA, 2008).

Ele acreditava na importância da conservação arquitetônica do passado como expressão de arte e cultura, podendo ser entendidas as relações da época entre estilos arquitetônicos e as técnicas construtivas de determinado povo. O arquiteto também defendia a ideia de que as construções pertenciam ao seu primeiro construtor e a sociedade em que a edificação estava inserida se tornava herdeira daquele patrimônio cultural, estabelecendo um laço entre a gerações existentes e as futuras. A arquitetura era, para ele, uma forte expressão e deveria ser duradoura e atravessar séculos a partir

de pequenos trabalhos de intervenções, mantendo ao máximo as suas características das obras e, com isso, preservar a sua autenticidade e os seus valores evocativos e poéticos (OLIVEIRA, 2008).

Ruskin também tinha uma extensa reflexão sobre a arquitetura e tudo que ela representava para a sociedade. Pode-se viver sem a arquitetura de determinada época, mas não pode haver uma recordação sem a sua presença física. Desse modo, os monumentos existentes na sociedade devem ter um grande valor histórico e de preservação, porém, os de épocas passadas são as verdadeiras heranças deixadas pelos antepassados, além de carregar toda a história e cultura de terminado povo. O arquiteto em pauta acreditava que a arquitetura doméstica dava origem a todas as outras arquiteturas, carregando toda a história e a vida de quem ali viveu. Por isso, sua visão era de que cada obra um estado de espírito que deve ser mantido, a partir de pequenos reparos, preservando-se a sua integridade (CASTRO, s/d).

4.3 TEÓRICO CESARE BRANDI

Cesare Brandi nasceu em 1906, em Siena, Itália; era formado em direito e também ciências humanas. Trabalhou como supervisor de monumentos e galerias, atuou como crítico, escritor além de palestrante. Sempre esteve envolvido no mundo de artes, histórias e restaurações, identificando-se com esse campo desde a sua infância. Foi convocado para ser diretor do Instituto Central de Restauro, órgão responsável por grandes soluções destinadas ao restauro do patrimônio europeu ocorrido após a segunda guerra mundial. Em pouco e tempo, o instituto foi reconhecido por suas grandes e valiosas técnicas para restauração e preservação dos patrimônios (CARMO *et al*, 2016).

Brandi foi adquirindo cada vez mais vasta experiência pátria e teórica no que diz respeito aos patrimônios históricos. Seus trabalhos se destacam no contexto contemporâneo, especialmente devido ao seu interesse na fenomenologia, com uma posição conservativa, mas, quando necessário, usava recursos criativos para tratar questões relacionadas ao restauro, como o caso de adições, subtrações e o restabelecimento de colunas. Para ele, o restauro deve ser um momento metodológico em que se encaixam aspectos históricos e estéticos utilizados na edificação. Assim, é preciso ter conhecimento profundo dos aspectos físicos e também da grande transformação em que a edificação terá ao longo dos anos, buscando reconhecer a verdadeira e original identidade de cada obra (CARMO *et al*, 2016).

O pensamento brandiano defende que o conjunto da obra deve ser harmonioso com relação aos materiais originais e às marcas deixadas pelo tempo, fazendo-se alterações somente se realmente forem necessárias. Os métodos de Brandi são extremamente cheios de valores materiais, estéticos e históricos, por isso, existem diversas formas de se fazer as intervenções em patrimônios de forma correta, desde os pequenos até os maiores restauros em uma edificação, carregando consigo a essência

da sua originalidade. O restauro é um ato crítico por meio do qual se expressa o valor de uma grande ideia, e cabe ao restaurador recuperar e não alterar a obra. Para tanto, é preciso analisar profundamente a obra, tanto nos seus aspectos físicos quanto históricos, juntamente com um trabalho multidisciplinar, para que, dessa forma, seja feito um trabalho impecável (CARMO *et al*, 2016).

4.4 TEÓRICOS DO RESTAURO E A CASA IPIRANGA (PR)

4.4.1 Metodologia de análise

Como obra de referência, foi escolhido a Casa Ipiranga. Será analisado, inicialmente, o projeto, articulando as reflexões aos pensamentos de Viollet Le Duc, John Ruskin e Cesare Brandi, grandes incentivadores das intervenções em patrimônios, haja vista que a obra se encontra em ruínas. Para a realização dessa análise, foi utilizado o método hipotético-dedutivo, que, segundo Prodanov e Freitas (2013), se estabelece a partir da elaboração de hipóteses que expressam as dificuldades do problema e como podem ser solucionadas. Assim, quanto mais alto o número de testes nas hipóteses, mais fortes e melhores serão os argumentos.

Para melhor entendimento de princípios dos três teóricos, foi utilizado também a metodologia explicativa, por meio de uma tabela síntese, na qual constam os conceitos e os métodos de cada teórico. Conforme explicam Prodanov e Freitas (2013), a tabela pode conter elementos quantitativos e qualitativos de determinado assunto, e serve para melhor compreensão e interpretação dos dados, que podem ser divididos por subgrupos. Os resultados podem ser analisados e interpretados criticamente.

A fim de coletar mais informações sobre a importância da restauração da Casa do Ipiranga para a região e para o Estado do Paraná, contatamos Giovana Martins, integrante do grupo SOS Casa Ipiranga (ver Apêndice A), que nos cedeu, em 08 de setembro de 2021, o projeto arquitetônico para auxiliar na elaboração deste trabalho. O projeto arquitetônico foi desenvolvido pelo escritório Lineo Borges de Macedo no ano de 1998.

4.4.2 A Casa Ipiranga

A Casa Ipiranga foi construída em alvenaria em cima de uma base de pedras. A obra tinha ricos detalhes trabalhados em madeira. Na fachada frontal da residência, logo na entrada, havia uma escadaria em alvenaria com guarda corpo em madeira, e, na parte superior, existia uma sacada, com uma bela vista para a paisagem ao redor da residência (PLUG, 2020).

Figura 2 – Casa Ipiranga – Antes e Depois



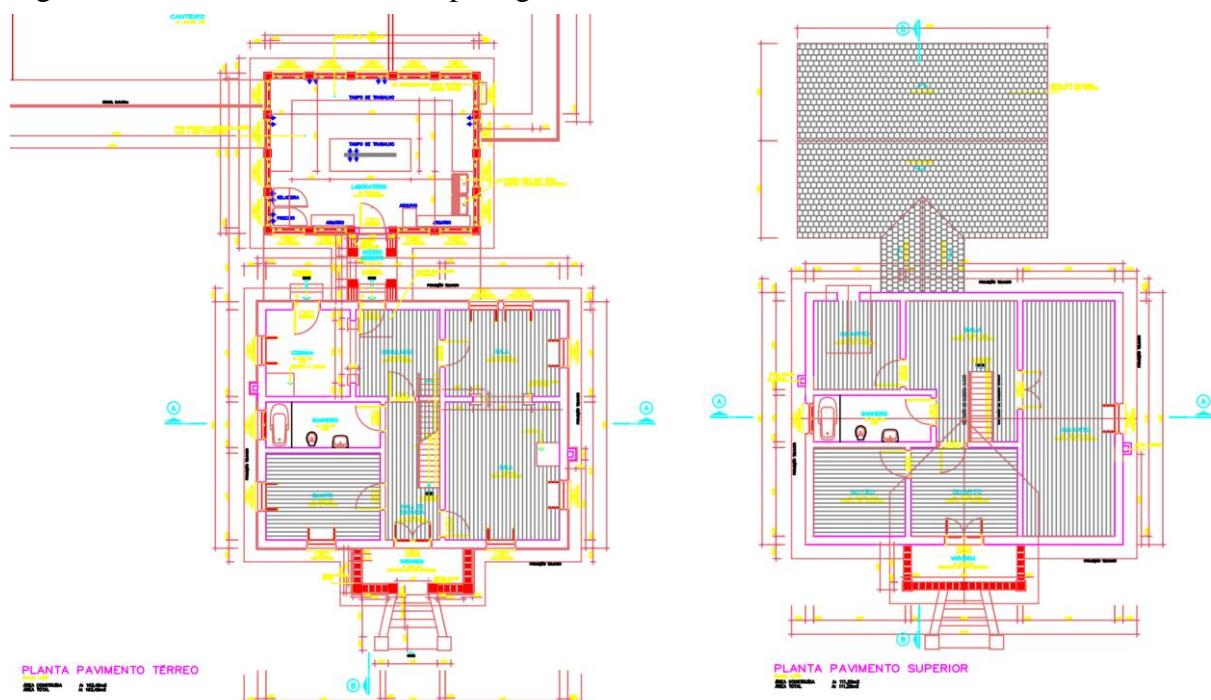
Fonte: Nos alpes (2021).



Fonte: Google Maps (2021).

Os cômodos distribuídos no pavimento térreo eram: sala de estar com lareira, cozinha, sala de jantar e banheiro com banheira. No pavimento superior, encontravam-se: três dormitórios e um banheiro. No porão, ficavam armazenadas ferramentas e materiais utilizados pelo engenheiro. Nos fundos da residência, construída logo na sequência da edificação, havia uma sala de jogos, toda envidraçada, com uma grande piscina com o fundo em declive, que era alimentada pela água corrente. Também próxima à residência existia uma estufa, onde eram cultivados alimentos (PLUG, 2020).

Figura 3 – Plantas Baixas – Casa Ipiranga



Fonte: Disponibilizado pela associação SOS Casa Ipiranga (2021). Projeto elaborado pelo escritório Lineo Borges de Macedo em 1998.

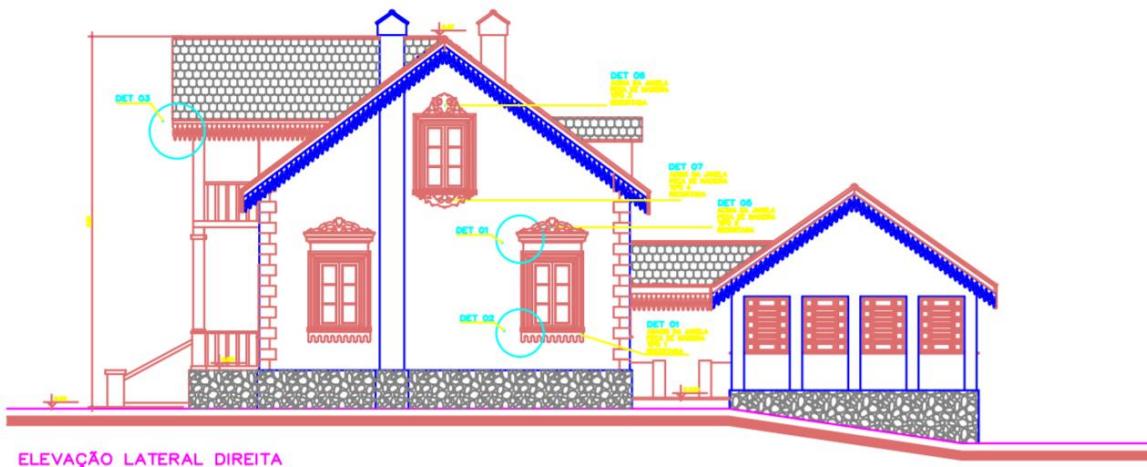
A obra foi construída em alvenaria, com janelas e detalhes em madeira, piso em madeira, exceto nas áreas molhadas, a pintura era majoritariamente na cor branca e toda a energia da casa era gerada por meio de uma usina com roda de água que se encontrava nas proximidades da casa (PLUG, 2020).

Figura 4 – Fachada Frontal e Fundos – Casa Ipiranga



Fonte: Disponibilizado pela associação SOS Casa Ipiranga (2021). Projeto elaborado pelo escritório Lineo Borges de Macedo em 1998.

Figura 5 – Fachada Lateral Direita – Casa Ipiranga



Fonte: Disponibilizado pela associação SOS Casa Ipiranga (2021). Projeto elaborado pelo escritório Lineo Borges de Macedo em 1998.

Figura 6 – Fachada Lateral Esquerda – Casa Ipiranga



Fonte: Disponibilizado pela associação SOS Casa Ipiranga (2021). Projeto elaborado pelo escritório Lineo Borges de Macedo em 1998.

4.4.3 Comparação dos elementos presentes na Casa Ipiranga com os pensamentos dos Teóricos

Na tabela a seguir, foram destacados alguns elementos da Casa Ipiranga, tais como planta baixa, cômodos da residência, revestimentos e fachadas. Esses são alguns dos principais elementos para se dar início à intervenção no patrimônio e restaurá-lo da melhor forma possível, a fim de preservar ao máximo suas características.

Tabela 1 - Relação do teórico Cesare Brandi com a Casa Ipiranga

ELEMENTOS DA CASA IPIRANGA	CESARE BRANDI
PLANTA BAIXA	É uma das primeiras fases mais significativas de uma edificação. A intervenção, nesse caso, pode ocorrer da melhor forma possível, visando ao que fica melhor para época atual, podendo haver uma pequena remodelagem da obra.
CÔMODOS	Deviam ter suas funções bem definidas, podendo ser mudadas com o passar do tempo para um novo uso, mas nunca deixando de ser a mesma obra no geral.
REVESTIMENTOS	Poderiam se adaptar aos da época em que está acontecendo a intervenção no patrimônio.
FACHADAS	Precisariam manter as características originais, mas poderiam sofrer as alterações necessárias da atualidade em que está sendo realizada a intervenção no patrimônio.

Fonte: Elaborada pelas autoras, com base na pesquisa teórica (2021).

4.4.4 Considerações da Análise

Na tabela síntese, foram abordados alguns elementos da Casa Ipiranga, elementos esses que são de suma importância para a intervenção no patrimônio, para melhor entendimento foi usado um dos grandes teóricos do restauro, juntamente com suas teorias, detalhando dessa maneira, o que melhor poderia ser feito em cada etapa do restauro de acordo com os pensamentos de cada um.

De acordo com os pensamentos do teórico e Cesare Brandi, para ser dado início ao processo de intervenção no patrimônio Casa Ipiranga, é necessário estudar ao máximo o estilo da obra, os materiais que foram utilizados e também técnicas construtivas utilizadas à época, em 1889. Após essa etapa, segue-se com uma análise do real estado em que a obra se encontra, do que permitirá elaborar as diretrizes e a remodelação do projeto, juntamente com seu reuso. A obra deve manter suas características originais, podendo ser adaptada a nova época que está inserida.

Considerando que a Casa Ipiranga, encontra-se em ruínas, a intervenção deverá ocorrer em uma grande escala, reconstruindo e reestruturando a edificação, deixando-a a mais parecido possível com a obra original. Por conta disso, o projeto deve ser minucioso, com diversas etapas, começadas do zero, como a medição, a topografia do local, a adaptação da planta baixa e a modelação do projeto como um todo, além do seu novo uso e da acessibilidade ao local. Essa intervenção deverá possibilitar ganhos econômicos para região e o estado, motivados pelo turismo, sendo isso importante para que a obra seja mantida após a intervenção, com as manutenções periódicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou a importância da preservação dos patrimônios históricos e culturais e a sua manutenção periódica, a fim de que as futuras gerações tenham a tais locais, juntamente com todo seu simbolismo e memória. Essa necessidade de manter tais patrimônios é defendida pela Carta de Atenas, que reforça a necessidade de se preservar os edifícios em suas formas integrais.

Diante do problema de pesquisa, como as teorias de Viollet-Le -Duc, John Ruskin e Cesare Brandi contribuem para a valorização histórica e restauração da Casa Ipiranga? Eles acreditavam que a obra não deveria ter fim, dessa maneira, suas teorias, auxiliam no desenvolvimento minucioso da restauração, como deve se proceder em cada etapa da intervenção, deixando a obra mais original possível.

Dessa forma, os objetivos foram atingidos, abordando a importância do patrimônio histórico e intervenções, por meio dos pensamentos dos teóricos, Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Cesare Brandi, juntamente com as características do restauro e a valorização da identidade local e cultural. A

aplicação dos conceitos e princípios dos teóricos considerados pode ser feita na Casa Ipiranga, construída em 1889, localizada em Quatro Barras -PR, já que se encontra em ruínas, devido às ações do tempo e ao descaso humano. Essa obra é de suma importância para o Estado do Paraná, já que carrega consigo o início da história econômica da região, por meio da ferrovia que faz ligação com o porto de Paranaguá.

Para conservação do edifício, é de grande importância que ocorra a manutenção periódica nessa obra, quando isso não acontece em um edifício tombado, a ação natural do tempo, além de outros fatores, faz com que a obra comece a deteriorar, com o passar dos anos, desse modo, requerendo uma intervenção por meio do restauro. Todavia, é importante preservar ao máximo as características originais da edificação, como reforçado pelos três teóricos escolhidos para esta pesquisa, a saber, Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Cesare Brandi.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Teresa; SILVA, Bárbara Moura Dias; COURA, Cláudia Valéria Gávio. **A Importância dos Serviços de Manutenção no Patrimônio Histórico. Arquitextos**, São Paulo, ano 18, n. 205.04, jun. 2017. Disponível em:

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.205/6591>. Acesso em: 02 mar. 2021.

BRAGA, Márcia. **Conservação e Restauro: Arquitetura Brasileira**. Rio de Janeiro. Editora Rio, 2003.

CARMO, Fernanda Heloísa do; VICHNEWSKI, Henrique; PASSADOR, João; TERRA, Leonardo. **Cesare Brandi: Uma Releitura da Teoria do Restauro Crítico Sob a Ótica da Fenomenologia. Arquitextos**, São Paulo, ano 16, n. 189.01, 2016. Disponível em:

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5946>. Acesso em: 09 ago. 2021.

CASTRO, Tayna. **Teóricos da Restauração: Viollet-Le-Duc e John Ruskin**, s/d. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/361792493/Aula-Le-Duc-Ruskin>. Acesso em: 08 ago. 2021.

CAU/BR. “A Restauração é uma Arte e uma Técnica”, Entrevista com Mario Mendonça uma referência no Brasil em restauro e tombamento. **CAU/BR**, 16 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/a-restauracao-e-uma-arte-e-uma-tecnica/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

CAU/BR. O Arquiteto e a Preservação do Patrimônio Histórico. **CAU/BR**, 1 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/o-arquiteto-e-a-preservacao-do-patrimonio-historico/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Araraquara: Editora Unesp, 2014.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul, 2013.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendências Estaduais do Iphan. **Iphan**, 24 de abril de 2015a. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Referencial Estratégico. **Iphan**, 09 de maio de 2015b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/314>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LEMOS, Carlos A.C. **O Que é Patrimônio Histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

LUSO, Eduarda Cristina Pires; LOURENÇO, Paulo B.; ALMEIDA, Manuela Guedes de. Breve história da teoria da conservação e do restauro. **Engenharia Civil**, n. 40, p. 31-44, 2004.

MOTA, Lúcio Tadeu. **História do Paraná:** ocupação humana e relações interculturais. Maringá: Eduem, 2011.

PACIEVITCH, Thais. **História do Paraná**, s/d. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/parana/historia-do-parana/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PLUG. O Passado e o Presente da Casa Ipiranga, Localizada em Quatro Barras e que faz Parte da História do Paraná. **Gshow**, 31 de outubro de 2020. Disponível em:
<https://gshow.globo.com/RPC/Plug/noticia/o-passado-e-o-presente-da-casa-ipiranga-localizada-em-quatro-barras-e-que-faz-parte-da-historia-do-parana.ghtml>. Acesso em: 08 set. 2021.

PORTAL SÃO FRANCISCO. História do Paraná. **Portal São Francisco**, s/d. Disponível em:
<https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/parana>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SILVÉRIO, Maruza. Grupo se une para Recuperar Casa Ipiranga, no Coração da Serra do Mar Paranaense. **Alta Montanha, 1 de outubro de 2020**. Disponível em:
<https://altamontanha.com/grupo-se-une-para-recuperar-casa-ipiranga-no-coracao-da-serra-do-mar-paranaense/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. O Pensamento de John Ruskin. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 07, n. 074.03, fev. 2008. Disponível em:
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>. Acesso em: 09 mar. 2021.

OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. O Idealismo de Viollet-Le-Duc. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 08, n. 087.04, mar. 2009. Disponível em:
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>. Acesso em: 09 mar. 2021.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editora, 2006.